



SANDRAMARACORAZZA

obra, vidas etc.



Copyright © 2022 Dos Autores.

Capa e projeto gráfico: Fabiano Neu.

Imagem de capa: *Salamandra*, baseada em *Fire Salamander*, de Night-Owl8.

Diagramação: TAI Design.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S219

Sandramaracorazza: obra, vidas etc. / Julio Groppa Aquino, Claudia Regina Rodrigues de Carvalho, Paola Zordan (Organizadores). - 1. ed. - Porto Alegre: UFRGS/Rede Escriteiras, 2022.

1092 p.

ISBN 978-65-5973-091-9

1. Biografia 2. Bibliografia 3. Sandra Mara Corazza I. Aquino, Julio Groppa II. Carvalho, Claudia Regina Rodrigues de III. Zordan, Paola IV. Título.

CDU: 929

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

SANDRAMARACORAZZA

obra, vidas etc.

JULIO GROPPA AQUINO
CLAUDIA REGINA RODRIGUES DE CARVALHO
PAOLA ZORDAN
(orgs.)



PORTO ALEGRE

2022

INTRODUÇÃO AO MÉTODO BIOGRAFEMÁTICO:⁸⁵ um manifesto para uma ética biografemática

Luciano Bedin da Costa⁸⁶

A primeira versão de *Introdução ao Método Biografemático* (CORAZZA, 2014) foi publicada no livro *Vidas do Fora: Habitantes do Silêncio*, que tive a alegria de organizar em 2010 juntamente com Tania Mara Galli Fonseca.⁸⁷ Por ocasião do livro, realizamos um seminário com todo(a)s autore(a)s, contando com um público bastante expressivo e interessado. Na gélida tarde de 23 de junho de 2010, Sandra Corazza proferiu a conferência *Introdução ao Método Biografemático*, fazendo a leitura do texto em questão, que surpreendeu a todo(a)s pelo caráter experimental e inventivo. Lembro de sua voz afiada e cortante ressoando pelo anfiteatro lotado da Reitora da UFRGS, assim como dos inúmeros slides apresentados com uma série de siglas e citações que davam à conferência um caráter de demonstração científica, lembrando-me Freud diante de uma plateia repleta de ceticismo, tentando demonstrar os achados de sua “nova ciência”

⁸⁵ Introdução ao método biografemático. *Em Tese*, v. 20, n. 3, p. 48-65, dez. 2014.

⁸⁶ Psicólogo e docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

⁸⁷ Embora a primeira versão tenha sido publicada em 2010 no livro *Vidas do Fora: Habitantes do Silêncio*, neste artigo considerarei a versão publicada em 2014 no periódico *Em Tese* (UFMG), pelo fato do livro estar esgotado.

chamada psicanálise. Por trás da áurea sisuda de Sandra havia um sarcasmo incorrigível, perceptível, quiçá, aquele(a)s pouco(a)s que, como eu, a conheciam com maior intimidade. Lembro dos rostos e expressões de boa parte dos participantes, provavelmente se perguntando o que aquela mulher no palco estava dizendo ou tentando demonstrar. Mesmo após os 11 anos que separam a cena em questão do texto que por ora escrevo, é inevitável que um tanto de lembranças com Sandra me invada, e é com este tanto que me ponho agora a escrever.

DIS-CURSUS. DO MÉTODO

Um primeiro ponto a ser considerado no ensaio *Introdução ao Método Biografemático* (IMB)⁸⁸ diz respeito ao amálgama operado entre forma e conteúdo, digno da herança recebida pelas leituras de Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze e Roland Barthes. Como arguta leitora destes autores, ao longo de toda a sua obra Sandra soube muito bem como fazer a junção entre o que pretendia dizer e a maneira como disponibilizava estas pretensões em termos de escritura. Em IMB não é diferente, uma vez que, para apresentar o referido método, Sandra faz uso do “discurso” e do “tratado”, gêneros filosóficos que ficaram bastante conhecidos através de René Descartes, em seu *Discurso do Método* (1996), e Baruch Spinoza, em sua *Ética* (2009).⁸⁹ IMB é dividido em três partes, precedido por uma introdução intitulada *Dis-cursus. Do Método*. Os 13 artigos

⁸⁸ No artigo 4 (p. 49), Sandra propõe o uso da sigla IMB para designar a *Introdução ao Método Biografemático*.

⁸⁹ Cabe, aqui, uma pequena referência biografemática: a presença estilística de Spinoza provavelmente decorre do contato/contágio de Sandra com o professor Tomaz Tadeu, companheiro e líder da linha de pesquisa 09, que à época se encontrava voltado à tradução de *a Ética*, publicado em 2009 pela Editora Autêntica.

que compõem a seção inicial são bastante provocativos, redigidos de modo deliberadamente ambíguo, uma vez que operam inicialmente por negatividade. Nos artigos 1 e 2, o leitor é levado a pensar o método em sua asserção canônica, como “lista de doutrina e de processo técnico [...]; de leis científicas e da natureza reta da faculdade de conhecer superior [...]; do modelo matemático e das regras da lógica formal; de garantias analíticas e sintéticas sobre o conhecimento da verdade [...]; Método é tomado como meta + hódos; uma direção e regularmente seguida numa operação do espírito” (CORAZZA, 2014, p. 48). No entanto, o que nos é apresentado nos dois primeiros artigos é subitamente desarticulado pelo artigo 3, quando o método é apresentado enquanto procedimento de pesquisa. Sua natureza “doutrinária”, “reta” e “lógica” é substituída pelas leis da invisibilidade e experimentação, tendo em vista que o método:

(a) não é determinado a priori, nem independentemente de sua aplicação [...]; (b) faz-se em operações efetivas, que o fazem à medida que se fazem; (c) estabelece-se como criação e não como descoberta [...]; (d) se produz algum saber, este nada mais é do que uma perspectiva entre outras e não, ao estilo metafísico, o conhecimento único e eterno sobre a realidade; (e) logo não é Método ordenado, repetível, auto corrigível; (f) se é transferido para outras operações de pensamento, pode suceder até a inutilização dos esforços feitos para obter resultados válidos” (CORAZZA, 2014, p. 49).

A desmontagem do método operada no artigo 3 cria condições para que a Biografemática (Bat)⁹⁰ seja efetivamente

⁹⁰ No artigo 11 (p. 51), Sandra propõe o uso da sigla Bat para designar o termo biografemática.

assumida enquanto uma metodologia de pesquisa, uma vez que, diretamente inspirado por Roland Barthes, um método biografemático “(a) não pode ter por objeto senão a própria linguagem, na medida em que luta para baldar todo o discurso que pega” (CORAZZA, 2014, 49). Sendo assim, arredio às viscosidades do senso comum, tal método só poderia ser compreendido enquanto “ficção”, “desprendimento”, tendo por objeto “senão os próprios meios para baldar, desprender, ou pelo menos aligeirar o poder das formas discursivas, através dos quais ele mesmo é proposto” (CORAZZA, 2014, p. 49). O interessante é que, ao problematizar o método, o próprio ensaio se coloca em questão, uma vez que dizer do método biografemático é, antes de tudo, criar condições para que este próprio método não se interponha como “O método”. Talvez por isso, a aposta de Sandra neste texto seja a da “fragmentação” e “excursão” do pensamento (*ex-cursus* = para fora do curso habitual), oferecendo-nos um conjunto de intuições e recortes de leituras, como uma espécie de *puzzle* a ser montado pelo leitor por ordem do que Barthes (2006) tão bem chamou de “o prazer do texto”.

Um outro aspecto interessante de ser assinalado nesta seção inicial é o da “convocatória”, uma vez que apresentar o método biografemático é sobretudo uma forma de convocar aquele(a)s que, mesmo sem tê-lo conhecido, já se veem em voltas a pesquisas onde vida e obra se cruzam. “A IMB será apreciada por quem já tenha, alguma vez, se interessado por Vida (Biografia) e por Obra (Bibliografia)” (CORAZZA, 2014, p. 49). A convocatória a que me refiro se aproxima do que Nietzsche escrevera em vários momentos de sua obra, de que todo o texto escolhe, de certa forma, os ouvidos capazes de escutá-lo. Com IMB não é diferente, uma vez que o método

biografemático ora apresenta, ora convida, ora convoca, garantindo uma espécie de ritmo à leitura empregada. No último artigo da seção inicial lemos de forma assertiva o projeto de IMB proposto por Sandra, que não é o de oferecer garantias metodológicas (não se tratando de um “manual” ou mesmo de uma “quimera”), mas o de “fornecer energia vital àquele Pensador que o experimentar” (CORAZZA, 2014, 52). É com esta coragem de experimentação que partiremos para a apresentação das três partes que compõem IMB.

PRIMEIRA PARTE. DA FANTASIA

A primeira parte, dividida em 23 fragmentos, é dedicada à exploração do conceito de fantasia. Ao contrário do discurso inicial, em que há a presença de um conjunto de autores, esta seção é toda voltada a Roland Barthes, e no que Sandra chama de “fantasia de Bat” (CORAZZA, 2014, p. 52). No item 1 já é colocado a condição do jogo, quando é afirmado que, na origem de Bat “é preciso aceitar que se coloque sempre uma fantasia (um fantasma) — bem como na origem de uma pesquisa, na origem de um ensino, na origem da cultura (CORAZZA, 2014, p. 52). Se tudo enfim parte de uma fantasia, resta ao texto apresentar o que entende por Fantasia de Biografemática (FB). Ao longo das 3 páginas que compõem esta seção encontramos definições do tipo: a fantasia enquanto “fantasma” (item 1); enquanto “um germe, uma virtualidade” (item 3); enquanto “objeto fantasístico (fantasmático)”, que não se deixa assumir por uma metalinguagem (científica, histórica, sociológica) (item 1.2); enquanto “utopia” (item 1.21); enquanto “ato de amor” (item 1.311); enquanto “roteiro absolutamente positivo, roteiro estilhaçado, sempre muito breve”; enquanto “vislumbre narrativo do desejo”; enquanto “uma volta de desejos,

de imagens, que rondam, que se buscam em nós, por vezes durante uma vida toda, e frequentemente só se cristalizam através de uma palavra”; enquanto uma “palavra, significante maior”, que “induz da fantasia à sua exploração”; enquanto “um filme com tomadas fixas” e explorado “como uma mina a céu aberto” (item 1.42).

Se são tantas as imagens evocadas acerca da FB, o que a anima (do latim, *animatio*) parece ser o amor. “Aquilo que colore Bat é a pulsão de amor” (item 1.31) Enquanto um ato de amor, a FB se movimentaria “(a) não na direção do “Amor apaixonado= falar de si como apaixonado = lírico”; (b) mas do “Amor-Agápe: falar dos outros que se ama”, “dizer aqueles que se ama”; (c) de maneira que “Amar + escrever = fazer justiça àqueles que conhecemos e amamos, isto é, testemunhar por eles, (no sentido religioso), isto é, imortalizá-los” (item 1.311).

SEGUNDA PARTE. DA ESCRITURA

Ao lidar com aspectos da vida e da obra dos autores e autoras que amamos, a Escritura Biografemática (EB) operaria como uma espécie de “Teia Interpretante” e de ordem aleatória, arbitrária e inconsciente (item 2). Não obstante, sua operação exige cuidado, uma vez que procura escapar aos códigos biográficos e aos riscos de uma crítica literária tradicional, que obriga vida e obra a caminharem de mãos dadas, uma como causa da outra e assim sucessivamente. No item 2.1 há uma série de recomendações àquele(a) que deseja empreender uma EB, tratando-se de: (a) tomar cuidado com as conexões lineares, causais, axiológicas, psicologistas, historicistas; (b) esquivar-se de fetiches como descendência, fatalismo, extraordinariedade, verdade, transparência, tempo; (c) fazer vista grossa às biografias bisbillhoteiras, moralistas, institucionais, logocên-

tricas, mecanicistas, apocalípticas, militantes, aliciantes; (d) afastar-se da ilusão retrospectiva de coerência; (e) entender como falaciosa a constatação da vida com um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva, de um projeto ou mesmo de uma constância; (f) não operar com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas. A contrapelo da biografia, uma Bat deve ser cultivada através da seleção, recolhimento e revalorização de resíduos difusos, excertos, cortes, hiatos, esgarçamentos miúdos, imagens inacabadas, fluidos pulsantes (sempre em vias de se mostrar), que povoam o que foi e o que não foi mostrado, uma espécie de proliferação densa de documentos pessoais, diários, depoimentos, entrevistas, memórias, confissões, correspondência, álbuns, cadernetas, fotografias, autorretratos, testamentos, hieróglifos, etc. (item 2.11).

Como em Barthes não há como falar em escritura sem que se coloque em questão a leitura, logo no item seguinte Sandra traz a ideia de Leitura Bat (LB), esta considerada como um “trabalho”, ocorrendo em três ordens diferentes: 1) uma *Leitura Individual* (corporal), pela qual entramos em contato com os textos, seja de modo “picado” (aos pedaços), por “sobrevoo”, por “saboreio”, em “rolo” (desenrolando o texto do início ao fim), em “aplainador” (em detalhe, lentamente), a “céu aberto” (como um objeto distante a ser contemplado); 2) uma *Leitura Sociológica*, não distinguindo o texto de sua acolhida crítica e social; 3) uma *Leitura Histórica*, considerando que leitores não vivem no mesmo tempo dos textos que são lidos (mesmo se biograficamente são contemporâneos). Para a IMB, a leitura é a grande condutora do

“Desejo de Escrever” (item 2.211), uma vez que defende que quem age no texto e faz o texto agir é o leitor (item 2.22), ou melhor, a multidão de leitores que por este se apaixona. Ao valorizar a dimensão da LB, em uma EB há de se considerar a “sujeira”, o “esburacamento”, a “fragmentação”, os “traços”, os “*intermezzos*”, o “gozo” e o “esforço” daquele(a) que age sob o calor e as cores de seu próprio amor.

TERCEIRA PARTE. DE VÍDARBO

Dos tantos neologismos criados por Sandra ao longo de sua obra, Vidarbo talvez seja um dos mais importantes, presente, inclusive, no título de seu memorial descritivo para o título de Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.⁹¹ Nesta terceira parte da IMB encontramos a escritora em sua potência máxima, trazendo-nos, em forma de um único e intenso bloco, o que compreende como Vidarbo. Embora Sandra não se refira neste texto ao conceito de ética, tomo a liberdade de nomear esta terceira parte de *Manifesto para uma Ética Biografemática* (MaEtBat), o qual reproduzo na íntegra, dado sua lírica contundência:

Vidarbo: Vida + Obra. “Circulação igual dos códigos com os quais se escrevem ao mesmo tempo nossos livros e nossa vida”. Viver como quem escreve. Escrever vivendo. Viver escrevendo. Re-viver. Re-finir. “Pensar a biografia contra a biografia”. Fluido. Elipse. Mistério. Inteligibilidade do desejo. Metáfora infinita. “Geologia de escrituras psicológicas”. Fabulação de gostos, des-gostos, descobertas, sensibi-

⁹¹ Trata-se do *Memorial de Vidarbo: escrita biografemática*, apresentado e defendido em 2014 à Comissão Especial de Avaliação para solicitar Promoção à Classe E de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior.

lidade, estados d'alma, imagens, poses, figuras, músicas, afectos. Como é, Para Mim — o que não fala, sem alegar a si mesmo, condenado ao exílio da Generalidade. Transliteração: “mudar o livro” é “mudar a vida”. Cenografia espaço-temporal. Nos passeios da Vida, aparição de Temas. Nos passeios das Palavras, aparição de Personagens. Ações que se pode tocar, na retina. Aromas ávidos no ar. Prazeres intensos. Pensares apanhados. Quereres guardados. Sentires desovados. Na Magia de ler, fascínio de limites se rompendo. Voz do Sujeito-de-Escritura: escrever o que não pôde dizer. Grãos de sentidos, na pele do Eu-de-Papel, após travessia do deserto, caminhada à beira-mar. “Nossos mares se molham e espantam as securas que os dias nos trazem”. Cruel desafio à interpretação. Fundos de Silêncio. Habitante dos Interstícios. Assombrado. Sem economia de Bem e Mal. Não-lucro. “Luxo terno e suntuoso de uma escritura absolutamente livre, em que não há um único átomo morto, invulnerável de tanta graça”. Pulsão por des-formas. Breves. “Têm o comprimento e o impulso da linha (essa ideia vestimentar)”. Non multa, sed multum (pouco em quantidade, muito em qualidade). Radicalização na preparação. Sem salvaguarda. Munição impaciente. Anarquicamente debochada. “Ervinhas frescas”. Atravessar, navegar, saltar: e pronto. Corda bamba, sem sombrinha, embriagado. Pronto. Cair. Se for o caso. Pronto. Ver, sentir, amar, odiar, chorar, ter cefaleia, sede, fome, saudade. Avaliar valor dos largados. Desgarrados. Simulacro de Romance. Romanesco Anamnésico. “Fresco, simples, sedoso, leve, sensível, justo, inteligente, desejável, forte, rico”. Hábitos, manias, vícios: contestados. Paixão por perturbação, motilidade, leveza. Sem pessoa. Caleidoscópio insólito. Estranho dissonante. “Profunda amoralidade”. Conta-dor de histórias. Linguaja-dor de si. Faze-dor de jogo. Gagueja-dor de língua. Bolas de emoção. Roçadela. Fricção. “Isso granula, isso acarícia, isso raspa, isso corta: isso frui”. Como se vê, Bat inunda Vidas. Minha. Tua. Nossa. Por isso, IMB pode colocar “no topo aqueles capazes da

risada de ouro”: “rir de maneira nova e sobre-humana — e à custa de todas as coisas sérias”. É que os “deuses gostam de gracejos: parece que mesmo em cerimônias religiosas não deixam de rir (CORAZZA, 2014, p. 61-62).

Sinto-me lisonjeado de fazer parte da IMB como um dos autores citados,⁹² uma vez que, para mim, Sandra foi e continuará sendo decisiva na maneira como leio e escrevo os textos que amo. Sou grato aos organizadores do livro pelo inestimável convite, esperando que este singelo ensaio possa inspirar outros leitores a escrituras (biografemáticas ou não), assim como as escrituras de Sandra tanto me inspiraram e continuam me inspirando.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. Introdução ao método biografemático. *Em Tese*, v. 20, n. 3, p. 48-65, dez. 2014. Disponível em:

<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/8254>. Acesso em: 26 jul. 2021.

CORAZZA, Sandra Mara. *Memorial de Vidarbo*: escrita biografemática, apresentado e defendido em 2014 à Comissão Especial de Avaliação para solicitar Promoção à Classe E de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior.

Disponível em: <https://www.ufrgs.br/escrileiturasrede/memorial/>. Acesso em: 26 jul. 2021.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

⁹² Para minha surpresa (e alegria), estamos, eu e Tania Galli Fonseca (*in memoriam*), na lista dos últimos autores citados neste texto, ao lado de Nietzsche e Roland Barthes.

FONSECA, Tania G.; COSTA, Luciano Bedin da. (Orgs.) *Vidas do Fora*: habitantes do silêncio. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.